

Interacionismo Simbólico e Comunidades Virtuais: Uma Alternativa Metodológica à “Comunidade Diluída”¹

Ruan Carlos Sasaki Brito²

Universidade Federal da Bahia

Resumo

O presente artigo explora a possibilidade de pesquisar Comunidades Virtuais sob a luz do referencial teórico-metodológico do Interacionismo Simbólico, segundo o qual se deve examinar o significado que a Comunidade tem para o seu usuário. Este trabalho parte do artigo “*Beyond The Diluted Community Concept: a Symbolic Interactionist Perspective on Online Social Relations*”³, de Jan Fernback⁴, para fazer um contraponto teórico-metodológico. A autora utiliza o Interacionismo Simbólico para investigar o significado das Comunidades “nas vidas das pessoas”. O presente artigo, por sua vez, sugere que o estudo do significado das Comunidades, quando colocado nestes termos, pode enviesar as conclusões da pesquisa. Diante desta divergência central, dentre outras, é desenvolvida uma leitura crítica do artigo de Jan Fernback. Também são sugeridas alternativas teóricas e metodológicas.

Palavras-chave

Interacionismo Simbólico; Significado; Comunidades Virtuais.

1. O Interacionismo Simbólico

Em Blummer (1969), temos que o Interacionismo Simbólico propõe o estudo da vida grupal humana e da conduta humana. Para tanto, são estabelecidas algumas premissas. A primeira diz que os seres humanos agem mediante coisas, a partir do significado que determinadas coisas têm para eles. A segunda premissa sugere que o significado de tais coisas deriva ou surge da interação social que um indivíduo mantém com seus pares. Na terceira premissa, temos que tais significados são manuseados e modificados no processo interpretativo usado pelo indivíduo ao lidar com as coisas que ele encontra.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes Sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Graduado em Comunicação Social – Publicidade pela Universidade Federal do Pará; mestrando em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia (na linha de Cibercultura); atua na área de interações sociais em meios digitais e comunidades virtuais. E-mail: ruancsb@hotmail.com

³ Artigo publicado em *New Media & Society*, no ano de 2007. Londres, Thousand Oaks, Vol. 9: 49-69.

⁴ Professora da Universidade de Temple, nos Estados Unidos.

1.1 Compreendendo a Teoria

Segundo Blummer, a percepção de que os seres humanos agem diante das coisas com base no significado que tais coisas têm para eles é “ignorada ou subestimada em praticamente todo o pensamento e produção das ciências sociais e psicológicas contemporâneas” (1969, p. 02). O significado é colocado de lado como algo sem importância, ou é tomado como um mero elo neutro entre fatores responsáveis pelo comportamento humano. É comum nestas ciências a tendência a tratar o comportamento humano como o produto de vários fatores que agem sobre os seres humanos. Portanto, o foco recai sobre o comportamento e os fatores a ele relacionados, e não sobre o significado.

Já o posicionamento do Interacionismo Simbólico propõe que o significado que as coisas têm para os seres humanos são fundamentais. A premissa de que os humanos agem mediante coisas, a partir dos significados que tais coisas têm é simples demais para diferenciar o Interacionismo Simbólico. Há várias outras abordagens com esta mesma premissa. Por isso, o principal diferencial está na segunda premissa, que diz respeito à origem dos significados. Para o Interacionismo Simbólico, os significados não são intrínsecos às coisas, e nem provêm de elementos psicológicos do indivíduo, mas surgem a partir do processo de interação entre as pessoas. As ações operam para definir as coisas para as pessoas. Logo, o Interacionismo Simbólico vê o significado como um produto social, criado nas e por meio das atividades das pessoas enquanto interagem.

A terceira premissa também diferencia o Interacionismo Simbólico. Já que o significado das coisas é formado no contexto da interação social, é um erro pensar que o uso do significado é apenas uma aplicação de tal significado produzido. O uso dos significados pelos atores sociais ocorre por meio de um processo de interpretação. Este processo tem duas etapas distintas. Primeiro, o ator indica para ele mesmo as coisas que têm significado. Ao fazer tais indicações, o ator interage e comunica-se com ele mesmo. Depois, como resultado deste processo de comunicação do indivíduo com ele mesmo, a interpretação torna-se uma questão de como lidar com os significados. O ator seleciona, checa, suspende, reagrupa os significados sob a luz da situação em que ele é colocado e da direção de suas ações. Assim, a interpretação não deve ser tomada como uma aplicação automática de significados estabelecidos, mas como um processo constitutivo em que significados são usados e revisados como instrumentos que guiam e formam a ação.

Fundamentalmente, os grupos humanos e as sociedades *existem em ação* e precisam ser vistos nos termos da ação. Esta consideração da sociedade humana como ação tem de ser um ponto de partida (e o ponto de retorno) para qualquer esquema que se proponha a analisar e tratar a sociedade humana empiricamente. A concepção de cultura, seja definida como costumes, normas, valores ou regras, é claramente derivada do que as pessoas fazem. Similarmente, a estrutura social sob qualquer aspecto refere-se a relações derivadas de como as pessoas agem umas com as outras. A vida em grupo necessariamente pressupõe interação entre os membros do grupo, ou seja, uma sociedade consiste em indivíduos interagindo uns com os outros. As atividades dos membros ocorrem predominantemente em respostas de uns para os outros, ou nas relações de uns com os outros. Segundo Blummer,

“O Interacionismo Simbólico [...] reconhece a interação social como de vital importância. Tal importância reside no fato de que a interação social é um processo que forma a conduta humana ao invés de ser simplesmente um meio ou um cenário para a expressão desta conduta. Os seres humanos, nas interações uns com os outros, têm que considerar o que o outro está fazendo ou está prestes a fazer, são forçados a direcionar suas próprias condutas ou lidar com a situação nos termos daquilo que consideram. Assim, as atividades dos outros surgem como um fator positivo na formação das condutas; face às ações dos outros, um indivíduo pode abandonar, revisar, checar, suspender ou intensificar uma intenção” (1969, p. 08).

George Herbert Mead identificou duas formas ou níveis de interação social na sociedade humana, os quais denominou “a conversa dos gestos” e “o uso de símbolos significantes” (Blummer, 1969, p. 08). Blummer, partindo destes conceitos, propõe outras nomenclaturas: “interação não-simbólica” e “interação simbólica”, respectivamente. A interação não-simbólica acontece quando um indivíduo responde diretamente à ação do outro sem interpretar aquela ação, já a interação simbólica envolve interpretação da ação. Uma sociedade humana consiste de pessoas em associação. Tal associação existe necessariamente na forma de pessoas agindo umas com as outras, e depois se engajando na ação social. Esta interação na sociedade humana dá-se predominantemente no nível simbólico.

A posição do Interacionismo Simbólico é que os mundos que existem para os seres humanos e para os seus grupos são compostos de objetos e que estes objetos são o produto da interação simbólica. “Um objeto é qualquer coisa que pode ser indicada, é qualquer coisa que pode ser apontada ou referida: uma nuvem, um livro, uma legislatura, um banqueiro, uma doutrina religiosa, um fantasma e assim por diante” (BLUMMER, 1969, p. 10). É possível classificar os objetos em 3 categorias: objetos físicos, objetos sociais ou objetos abstratos. Um objeto pode ter diferentes significados para diferentes indivíduos. Do ponto de vista do

Interacionismo Simbólico, a vida grupal humana é um processo em que objetos estão sendo criados, afirmados, transformados e postos de lado. A vida e as ações das pessoas necessariamente mudam de acordo com as mudanças que ocorrem no mundo dos objetos.

A vida do ser humano, na perspectiva do Interacionismo Simbólico, é fundamentalmente diferente. O ser humano é visto como social em um sentido muito mais profundo – no sentido de um organismo que se engaja na interação social com ele mesmo por indicações. Por engajar-se em uma auto-interação o ser humano surge em uma relação marcadamente diferente com o seu ambiente. Ao invés de ser um organismo que simplesmente responde a fatores que agem sobre ele, o ser humano deve ser visto como um organismo que tem de lidar com aquilo que nota. Neste sentido, o ser humano que está engajando-se na auto-interação não é um mero respondente, mas é agente.

A capacidade do ser humano de fazer indicações para ele mesmo dá um caráter distinto à ação humana. Isso significa que o humano confronta-se com um mundo que ele deve interpretar para agir, e não um ambiente ao qual ele responde. O humano tem que lidar com a situação em que ele é chamado a agir, avaliando o sentido das ações dos outros, e mapeando sua própria linha de ação sob a luz de tal interpretação. O humano tem que construir e guiar suas ações ao invés de simplesmente liberá-las em resposta a fatores que agem sobre ele ou operam por ele. Fundamentalmente, a ação por parte do humano consiste na consideração de várias coisas que ele nota e na construção de uma linha de conduta com base em como ele interpreta tais coisas. A vida humana grupal “consiste em, e existe na, acomodação de linhas de ações dos membros do grupo. Tal articulação de linhas de ações constitui a ‘ação conjunta’: uma organização societal de conduta de diferentes atos de diversos participantes” (BLUMMER, 1969, p. 16).

A abordagem do Interacionismo Simbólico vê a sociedade humana como pessoas engajadas em viver. Viver é o processo das atividades correntes em que participantes estão desenvolvendo linhas de ações nas múltiplas situações que encontram. Os indivíduos estão presos em um vasto processo de interação em que eles têm de encaixar suas ações com as dos outros. Este processo de interação consiste em fazer indicações para outros do que fazer e interpretar as indicações feitas pelos outros. Os indivíduos vivem em mundos de objetos e são guiados na suas orientações e ações pelos significados destes objetos. Os indivíduos abordam uns aos outros de maneiras diferentes, vivem em mundos diferentes e guiam a si próprios por diferentes conjuntos de significados. Entretanto, um indivíduo deve ver as atividades da coletividade como formadas por um processo de designação e interpretação.

1.2 Procedimentos Metodológicos

O Interacionismo Simbólico é uma abordagem realista para o estudo científico da vida humana grupal e da conduta humana. O seu mundo empírico é o mundo natural desta vida e conduta grupal. Ele abriga os seus problemas neste mundo natural, conduz seus estudos no mundo natural, e deriva suas interpretações destes estudos naturalísticos. A instância metodológica do Interacionismo Simbólico é a do exame direto do mundo social empírico. Esta abordagem reconhece que tal exame direto permite ao acadêmico conhecer todas as requisições básicas de uma ciência empírica, as quais, segundo Blummer, são:

“Confrontar um mundo empírico que está disponível para observação e análise, levantar problemas abstratos relacionados com este mundo, reunir os dados necessários por um exame cuidadoso e disciplinado deste mundo, revelar relações entre categorias de tais dados, formular proposições relativas a tais relações, organizar tais proposições em um esquema teórico, e testar os problemas, os dados, as relações, as proposições e a teoria por novo exame do mundo empírico” (1969, p. 48).

A visão que o Interacionismo Simbólico tem da vida humana grupal e ação social tem importantes implicações metodológicas. Blumer (1969) considera tais implicações em quatro concepções centrais: 1. As pessoas estão preparadas para agir com base no significado dos objetos que compõem o seu mundo. 2. A associação de pessoas é necessariamente na forma de um processo em que elas fazem indicações umas para as outras e interpretam as indicações das outras. 3. Atos sociais, sejam individuais ou coletivos, são construídos por um processo em que os atores notam, interpretam e avaliam as situações em que são confrontados. 4. A complexa interligação dos fatos que incluem organização, instituições, divisão do trabalho e redes de interdependência estão movendo-se.

A consideração de que as pessoas agem com base no significado dos objetos tem profundas implicações metodológicas. Isto significa imediatamente que se o acadêmico quer entender a ação das pessoas é necessário que ele veja os objetos das pessoas enquanto elas os usam. “Não conseguir fazer isso, ou substituir os significados que os objetos têm para as pessoas pelos significados que têm para ele próprio, é o mais grave erro que um cientista social pode cometer” (BLUMMER, 1969, p. 51).

O Interacionismo Simbólico vê a vida em grupo como um processo em que as pessoas, enquanto se conhecem nas diferentes situações, indicam linhas de ações para os outros e interpretam as indicações feitas pelos outros. Isso significa que as suas respectivas linhas de

comportamento têm que ser construídas sob a luz das linhas de ações dos outros com os quais estão interagindo. Este ajuste acontece não apenas entre indivíduos em associação face a face, mas também entre coletividades como corporações industriais e nações, que devem lidar umas com as outras.

2. Uma Leitura Crítica de “*Beyond The Diluted Community Concept*”

Em seu artigo, “*Beyond the Diluted Community Concept: a Symbolic Perspective on Online Social Relations*”, Jan Fernback (2007) propõe que o conceito de “Comunidade Online” tem se tornado cada vez mais diluído, uma vez que evolui para um pastiche de elementos que ostensivamente atribuem significados ao termo. Diante disto, a autora procura caracterizar as relações sociais online, ao mesmo tempo em que evita a vagueza com que o termo “Comunidade” tem sido tratado. Fernback utiliza a perspectiva do Interacionismo Simbólico, que foca no processo de “construção da Comunidade”, enquanto fruto do empenho e da atividade humana; e considera ainda que a Comunidade Online é uma construção social relevante, do ponto de vista da sua cultura, sua estrutura, e seu caráter político-econômico.

2.1 Apresentando o artigo de Jan Fernback

Em sua metodologia, a autora busca compreender os significados que as Comunidades Online têm para os seus participantes. Jan Fernback entrevistou com profundidade 30 pessoas com experiência em grupos online. O propósito das entrevistas foi documentar a experiência de interação social online destes participantes, de modo a compreender como eles caracterizam a natureza destas interações (FERNBACK, 2007, p. 55). Para investigar os significados que estes participantes constroem em suas interações online, foi utilizada uma abordagem qualitativa calcada nos princípios do Interacionismo Simbólico. Segundo a autora, tal metodologia é útil por sustentar que:

“As ações humanas são repletas de significado social, e que as pessoas agem em relação aos significados que elas formulam sobre os fenômenos sociais. Esses significados evoluem na medida em que são interpretados e reinterpretados por meio da interação social” (BLUMMER, 1969; HAMMERSLEY e ATKINSON, 1992 apud FERNBACK 2007, p. 56)

Portanto, a autora considera que os participantes de fóruns online cultivam posturas diante das Comunidades, que estão baseadas nos significados que tais práticas têm “em suas vidas”.

A pesquisa de Fernback demonstra-se coerente com as três premissas do Interacionismo Simbólico, pois aceita que os entrevistados agem diante das Comunidades Online, de acordo com o significado que tais Comunidades possuem para eles; aceita também que estes significados surgem no processo de interação social (que, neste caso, dá-se por meio da *web*); e finalmente observa a interveniência de interpretações e reinterpretações que podem re-significar os agrupamentos online.

A autora optou por trabalhar com contextos online que *podem* ser categorizados como Comunidades. Os entrevistados não foram procurados em grupos online tradicionalmente reconhecidos como Comunidades. Segundo a autora, “tais grupos são tentativas conscientes de Comunidades, eles estão saturados, portanto, não são úteis na exploração de agregações sociais que podem ou não ser comunitárias por natureza” (FERNBACK, 2007, p. 56). (Esta classificação será mais bem discutida no tópico 3).

Ao longo do artigo são apresentados trechos de respostas e comentários da pesquisadora que procuram fazer a caracterização das interações online. Ganham maior destaque no artigo interpretações que reduzem o envolvimento do usuário com a prática social online. Em um dos exemplos, a entrevistada diz “ter pena” de alguém cuja vida não tem sentido, ou cujo sentido é complementado online. Para esta participante, apesar dos benefícios, a Internet não pode acrescentar sentido à vida de uma pessoa, a não ser que se trate de alguém totalmente isolado da sua Comunidade offline (FERNBACK, 2007, p. 58). Ainda segundo esta entrevistada, as pessoas não podem ser ativas em uma comunidade sem um senso de proximidade. Portanto, a verdadeira Comunidade não pode estar divorciada da sua manifestação física.

Um segundo entrevistado demonstra ceticismo no que tange o impacto da interação grupal online sobre a vida pública. O participante acredita que a internet está tornando-se cada vez mais um negócio, de maneira que as experiências de troca pessoais progressivamente perderão lugar para as mensagens comerciais. Este caráter mercadológico / funcional não contribuiria para um sentido de comunidade, e impediria o usuário de ocupar um lugar útil na vida pública por meio da *web* (FERNBACK, 2007, p. 59).

Quando questionada sobre a possibilidade de uma atividade online, como a religião, prover sentido à vida de uma pessoa, uma terceira entrevistada declara que pessoas que

encontram um senso de significado nos seus grupos online precisam “fazer algo com as suas vidas”. Para esta participante, “alguns cidadãos online são patéticos e precisam fazer algo com as suas vidas” (FERNBACK, 2007, p. 59).

Diante de tantas opiniões depreciativas, a autora conclui em seu artigo que, “para estes entrevistados, Comunidade significa unidade e apoio mútuo, mas talvez não signifique verdadeiro comprometimento” (FERNBACK, 2007, p. 62). Os participantes procuram até mesmo distanciar-se do estereótipo do “*nerd* de computador”, que seriam os que encontram sentido de Comunidade em práticas online. De maneira geral, as opiniões colhidas no artigo indicaram ausência de um sentimento comunitário sólido em suas relações sociais online. Fernback conclui ainda que “a perspectiva do Interacionismo Simbólico atesta que o significado de Comunidade é diluído para estes participantes” (FERNBACK, 2007, p. 62).

2.2 Um contraponto à “Comunidade Diluída”

Apesar de articular com clareza o referencial teórico metodológico do Interacionismo Simbólico com a sua pesquisa em Comunidades Virtuais, Fernback (2007) contextualiza seu estudo nos termos do significado que a Comunidade tem “na vida” dos usuários. Certamente, quando opta pela perspectiva simbólica, o pesquisador deve manter o foco no significado que determinado objeto tem para as pessoas, e nas interações subseqüentes. Entretanto, existem diferentes maneiras de trabalhar com este significado. A partir do momento em que a autora abordou o significado (ou o sentido) que o objeto possui “na vida” das pessoas, gerou-se um tipo de conotação.

Para compreender o tipo de relação que os usuários mantêm com seus respectivos grupos online, muitas perguntas podem ser feitas – seja com a metodologia da entrevista, seja com a metodologia do questionário, dentre inúmeras outras. O propósito aqui não é invalidar os métodos ou os resultados obtidos por Fernback, mas observar que tais resultados podem ter sido sensivelmente direcionados pela forma como as perguntas foram formuladas para os participantes da pesquisa. O mesmo objeto (no caso, Comunidades Virtuais), pode ter, para o mesmo indivíduo, significados diferentes, a depender do ângulo de abordagem adotado pelo pesquisador. Tratar este significado, em uma pesquisa, nos termos da vida de maneira geral, é uma opção. Mas tal opção pode enviesar consideravelmente as respostas obtidas.

Mesmo o maior entusiasta das Comunidades Online, quando questionado sobre o significado (ou o sentido) que esta Comunidade possui, no contexto maior da sua vida, pode vir a relativizar este significado. Pode ser que as coisas importantes na vida de um sujeito sejam, por exemplo, sua família, esposo ou esposa, namorado ou namorada, filhos, amigos, profissão, bens materiais, patrimônio etc. Algo com o qual haja forte vínculo afetivo e / ou permanente. A prática interativa online, por mais relevante que seja no cotidiano deste sujeito, quando inserida no quadro maior da vida, pode ter seu significado reduzido. Entretanto, isto não permitirá dizer que o significado da Comunidade, para o usuário, é baixo ou diluído, em si; mas em relação a outros significados com os quais o sujeito convive.

Certamente, muitas pessoas (que podem ser consideradas *hard users*) investem tanto tempo e sentimentos em atividades online que, mesmo no quadro maior da vida, atribuirão às práticas na *web* significados proeminentes. Entretanto, é seguro afirmar que este perfil não é majoritário, tanto na população de maneira geral, quanto dentre os usuários da internet. Portanto, uma pesquisa feita com uma amostragem de usuários, que não prioriza este perfil *hard-user*, deve provocar esta relativização do significado das Comunidades, quando o contexto fornecido for o da vida.

Em *Beyond the Diluted Community Concept*, as perguntas formuladas aos entrevistados apresentam este contexto. Já no item de descrição da metodologia do artigo, a autora coloca que “os membros destas Comunidades devem ser questionados para determinar a saliência desta forma de atividade social, em suas vidas” (FERNBACK, 2007, p. 55). No ato da entrevista, a pesquisa procede nesta mesma linha e pede a uma das participantes sua opinião sobre “alguns cidadãos online que alegam que a atividade online, como a religião, pode prover sentido nas vidas das pessoas” (FERNBACK, 2007, p. 58). A resposta tende a diminuir o significado, a relevância ou a saliência da atividade referida, em função da forma como a pergunta foi feita, uma vez que o sentido foi contextualizando em uma dimensão maior, da vida.

Uma das entrevistadas chegou a classificar de patética a pessoa que encontra na atividade online significado para sua vida. Neste caso, houve não apenas uma relativização da saliência do objeto, mas um enquadramento pejorativo. A pessoa que encontra significado na atividade online é retratada como o estereótipo do “*nerd* do computador”, do qual a maioria dos entrevistados procura distanciar-se. As respostas podem ser enviesadas, não apenas pelo contexto em que o significado é apresentado, bem como pela temática escolhida para exemplificar a atividade online. Dependendo da sua postura diante do tema “religião”, citado

pela pesquisadora, o usuário pode desmerecer a prática online, em função da finalidade religiosa referida.

As respostas selecionadas por Fernback para compor o artigo vão nesta linha: relativizar ou diminuir a saliência da atividade online na vida dos usuários. Tanto que, em determinado ponto da pesquisa, a autora conclui que as Comunidades não significam verdadeiro comprometimento. “Poucos participantes indicaram um senso de pertencimento, apropriação ou investimento em seus ambientes online” (FERNBACK, 2007, p. 62).

A autora pondera que melhor do que questionar se a Comunidade Online é ou não uma Comunidade real, uma perspectiva de longo prazo deve focar em como alguns usuários de tecnologia online criam construções significativas de interações sociais em arenas online (FERNBACK, 2007, p. 63). A proposta de *Beyond the Diluted Community Concept* é não restringir a pesquisa a uma visão dualística, em que a Comunidade Online é ou não é real, mas avançar em um debate que vá além, e procure investigar as diversas possibilidades de usos e significados que são gerados a partir das interações online. Entretanto, este sentimento não impede que, na prática, o artigo atribua às Comunidades um status menor, pouca saliência ou relevância no cotidiano dos entrevistados. O termo “Comunidade Diluída” é sintomático deste tipo de caracterização feita pela pesquisa.

3. Alternativas para a Compreensão das Comunidades Online

O presente artigo reconhece a contribuição de Fernback, naquilo que diz respeito à aplicação do Interacionismo Simbólico na pesquisa em Comunidades Online. De fato, as três premissas propostas por Blummer (1969) são pertinentes para a compreensão das práticas verificadas em Comunidades Virtuais, dos significados destes agrupamentos para os seus usuários, bem como dos permanentes processos interpretativos próprios das interações sociais. Contudo, é preciso observar que o contexto, em que será tratado o “significado” do objeto em análise, pode ter influência sobre as respostas obtidas. Além disso, propõe-se que sejam adotados critérios para conceituar aquilo que está sendo considerado como “Comunidade Virtual”.

3.1 Critérios de Uma Abordagem Teórica Contemporânea

É interessante notar que Fernback não trabalha com grupos que são, necessariamente, categorizados como Comunidades, mas que *podem* ser. A autora trabalha com a possibilidade de o participante considerar sua interação social online como comunitária ou não. *Beyond the Diluted Community Concept* não parte de uma definição de Comunidade que possa ser confrontada com o que foi dito pelos entrevistados. Entretanto, uma alternativa metodológica é trabalhar com critérios que dêem conta de caracterizar ou não determinado agrupamento online como uma Comunidade.

Marcos Palacios (1995) propõe critérios para distinguir uma Comunidade, na sociedade de hoje. Para tanto, o autor apresenta “algumas considerações em torno de novas formas de organização social, emergentes em sociedades complexas contemporâneas” (PALACIOS, 1995, p. 88). Também são feitas contraposições entre formas sociológicas emergentes e a Comunidade nos termos clássicos:

“Se, no período da construção da Modernidade, o pensamento social se orientou no sentido de negar ou valorar negativamente as formas associativas tradicionais e tudo que elas representavam, o século XIX, marcando através do Capitalismo Industrial a consolidação dessa Modernidade, vai gerar um pensamento caracterizado justamente pela redescoberta dos valores da Comunidade enquanto positividade, incorporando-os as suas utopias” (SAINT-SIMON, MAISTRE, BURKE, CARLYLE *apud* PALACIOS, 1995, p. 89).

Palacios recorre ainda à sociologia Maffesoliana, na sua formulação de características comunitárias. Maffesoli (1996) defende arduamente que mudemos as maneiras de avaliar os agrupamentos sociais contemporâneos, visto que vivemos um tempo de profundas transformações, em que “à extensibilidade dos sentidos do homem, propiciada pelas tecnologias comunicacionais, corresponderia uma extensibilidade do eu (um ego relativo e extensível), uma tendência à indiferenciação, ao perder-se em um sujeito coletivo” (PALACIOS, 1995, p. 94). Palacios utiliza as noções maffesolianas de *ética da estética* e de *sociabilidade*.

Maffesoli propõe atenção especial às ligações sociais cotidianas, efêmeras, que ocorrem na prática coletiva, espécies de ‘neotribos’:

Pode-se dizer que se trata de uma socialização que é, talvez, específica, mas que não deixa de apresentar todas as características de socialização: a de integrar num conjunto e de transcender o indivíduo. Acontece que, para isso, a tônica é colocada mais na sensação coletiva que num

projeto racional comum. Mas o resultado não é diferente: fazer participar desse corpo geral, de um corpo social (1996. p.41).

Assim, observamos uma contraposição à proposta moderna de um projeto universal e desenvolvimentista; e nos voltamos ao entendimento da socialização que privilegia acontecimentos menores, relativos aos agrupamentos que cada indivíduo faz no contexto em que está inserido. Os diferentes estilos de vida passam a desempenhar um importante papel, na medida em que é necessário observar o sujeito na sua relação com o outro e as tribos pelas quais ele transita. É nisso que a pós-modernidade apresenta uma forma de solidariedade social que não é mais racionalmente definida, como que por um contrato; mas que se elabora a partir de processos complexos que envolvem: atrações, repulsões, emoções e paixões (MAFFESOLI, 1996).

Há, no entanto, uma força social que provoca as diversas reuniões, mesmo involuntárias, transitórias e impulsivas. Este poderoso vitalismo estimula as novas tribos sem a necessidade de explicações prévias ou maiores pretensões. Aqui conhecemos o sentido de *estética* utilizado por Maffesoli. Tradicionalmente, entende-se por “estética”, o ramo da filosofia que estuda as percepções das obras de arte. Sendo que, hoje, “não é mais possível reduzir a arte apenas às grandes obras geralmente qualificadas de culturais. É toda a vida cotidiana que pode ser considerada uma obra de arte” (MAFFESOLI, 1996, p. 26). Redimensiona-se este conceito para uma escala muito mais ampla. A estética está presente nas mais triviais formas de interação.

A potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum. Ao fazer isso, retomo a concepção que Kant dava à *aisthesis*: a ênfase sendo dada menos sobre o objeto artístico como tal, que sobre o processo que me faz admirar esse objeto (MAFFESOLI, 1996, p. 28).

Assim, surge a noção de socialidade, a interação contemporânea que se contrapõe à sociabilidade moderna. Enquanto a primeira marca os grupos urbanos com ênfase no ‘sentir em conjunto’, no instante vivido, por meio de empatia e presenteísmo; a segunda tem cunho institucional, projetista e universal, priorizando o ‘dever ser’, em detrimento daquilo que é. Nesta perspectiva, a emoção estética passa a cumprir a função de moldar as estruturas da sociedade, já que permite micro-ligações em todos os pontos da rede social. São as pequenas situações e práticas cotidianas que servem de alicerce em que serão erguidas cultura e civilização. Resulta deste processo, aquilo que podemos denominar ‘sinergia coletiva’, em

que convergem vontades e ações, as quais - ainda que conflitantes - geram solidez para o corpo social (MAFFESOLI, 1996).

Palacios também recorre a Giddens (1991), para quem a Modernidade se tornará um lugar fantasmagórico, ou seja, “locais completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles, fomentando relações entre ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face” (GIDDENS, 1991 *apud* PALACIOS, 1995, p. 95). Nesta perspectiva, o sentimento de pertencimento – essencialmente ligado ao conceito de Comunidade – desencaixa-se da localização, pois é possível pertencer à distância. Devemos compreender que, em nenhuma medida, as relações face a face são definitivamente substituídas, mas certamente surgem novas formas de interação que convivem com as tradicionais. A noção de pertencimento pode estar presente tanto em uma, como na outra.

É a partir deste cenário que Palacios propõe critérios para caracterizar uma Comunidade. Em termos modernos, a Comunidade deve apresentar: 1. Sentimento de pertencimento. 2. Uma territorialidade (geográfica e / ou simbólica) definida. 3. Permanência. 4. Ligação entre sentimento de Comunidade, caráter cooperativo e emergência de um projeto comum. 5. Existência de formas próprias de comunicação. 6. Tendência à institucionalização (PALACIOS, 1995, p. 101).

Já a Comunidade nos termos contemporâneos da Maffesoli mantém as duas primeiras características (pertencimento e territorialidade), mas não apresenta a terceira característica (permanência), visto que os agrupamentos pós-modernos possuem temporalidade própria, tendem a ser efêmeros e esgotam-se em sua própria ação. A quarta característica (projeto comum) está descartada no que tange as novas Comunidades, pois a idéia de projeto é claramente moderna. É preciso redefinir o quinto elemento caracterizador da Comunidade clássica (formas próprias de comunicação). Tais meios próprios de comunicação não estão mais restritos a jornais, murais ou rádios comunitárias; as redes eletrônicas também podem constituir-se enquanto o meio de comunicação de seus participantes e a própria condição de existência de tais agrupamentos. Finalmente, diferentemente das Comunidades clássicas, nas novas Comunidades, o caráter instituinte passa a ter predominância sobre o caráter instituído (PALACIOS, 1995, p. 101 – 104).

3.2 Um Modo de Pensar o Significado das Comunidades Online

Munido dos critérios desenvolvidos por Palacios (1995), o pesquisador pode interpretar determinado agrupamento como sendo uma Comunidade ou não. Deve-se observar, essencialmente, os elementos de pertencimento (ainda que efêmero e à distância), territorialidade (simbólica, no caso dos grupos virtuais) e formatos próprios de Comunicação (o que é característica marcante dos meios digitais).

Em Maffesoli (1996), temos uma compreensão da vida coletiva que prioriza exatamente as pequenas agregações, calcadas na empatia, na identificação e na valorização do presente. Estas “tribos” contemporâneas refletem uma necessidade de “sentir em conjunto”, de compartilhar experiências estéticas. Esta força social é estruturante da vida coletiva, e está espalhada por cada micro-ligação da teia social. Os agrupamentos da Internet, não apenas dão vazão, como reforçam esta força agregadora. Por sua vez, Palacios (1995) destaca que as tecnologias comunicacionais – as quais permitem as Comunidades Online – produzem a extensão do eu, conduzem ao sujeito coletivo. Este processo não encontra mais um obstáculo na distância física, uma vez que pode ocorrer na ambiência digital. Assim, novas experiências comunitárias são possibilitadas ou reforçadas. Esta perspectiva contrapõe-se marcadamente a uma concepção de Comunidade diluída.

Ao adotar a concepção sociológica e os critérios já descritos, o pesquisador poderá identificar a Comunidade Virtual e, com base no Interacionismo Simbólico, examinar de maneira direta as práticas sociais online. Notadamente, é preciso analisar os significados atribuídos aos agrupamentos, pelos seus respectivos usuários. Para que os significados analisados não estejam vinculados aos termos generalizantes e relativos da vida dos usuários, é possível restringir tal significado para o contexto online, em específico. Pode-se, por exemplo, comparar a relevância de determinada prática online com outras práticas da mesma ambiência; comparar a importância de uma Comunidade com outras; ou ainda verificar a saliência da interação online no cotidiano do usuário sem recorrer à dimensão da vida como um todo; examinar se laços afetivos, como de amizade, já foram estabelecidos pelo usuário com outros participantes da Comunidade; observar como o próprio participante avalia a atividade (se positiva ou negativa), dentre outros.

Considerações Finais

Considerando o caráter subjetivo e, por vezes, abstrato do objeto de estudo em questão, a pesquisa em Comunidades Virtuais torna-se um trabalho complexo. Averiguar significados de objetos, a legitimidade do sentimento comunitário, a intensidade do sentimento de pertencimento ou do vínculo criado entre indivíduos em uma interação online, é tarefa árdua para qualquer procedimento metodológico. Entretanto, este artigo propõe que, partindo de uma abordagem simbólica, a forma de contextualizar o significado em questão pode enviesar sensivelmente os resultados da pesquisa, o que terá reflexos sobre a compreensão do conceito de Comunidade Online.

No artigo de Jan Fernback, a redução do sentimento de pertencimento nas Comunidades online está respaldada pelas respostas obtidas nas entrevistas. Entretanto, é possível que tais respostas estejam enviesadas pela própria metodologia adotada. O objetivo não é desqualificar escolhas metodológicas feitas em outros trabalhos, mas chamar atenção para o fato de que estas escolhas podem estar intimamente ligadas aos resultados apontados. Em especial, indagar sobre o significado das Comunidades, no contexto maior da vida do entrevistado, pode enviesar as respostas, no sentido de atenuar a saliência ou a importância desta prática online no cotidiano das pessoas.

Este trabalho também propõe que as pesquisas em interações online partam de critérios objetivos que dêem conta de reconhecer um agrupamento como sendo ou não uma Comunidade. Palacios (1995) contribui com critérios que delimitam o conceito de Comunidades Virtuais. Deixar esta classificação em aberto, e trabalhar com agrupamentos que “possivelmente” são Comunidades (de acordo com interpretações individuais e sem referenciais teóricos) parece reforçar a vagueza com que o tema vem sendo tratado em muitos textos.

Referências bibliográficas

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism. Perspective and Method**. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969

FERNBACK, J. **Beyond The Diluted Community Concept: A Symbolic Interactionist Perspective On Online Social Relations**. In: *New Media & Society*, Vol. 9, No. 1, 49-69, 2007.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991.

MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PALACIOS, M. **O Medo do Vazio: Comunicação, Sociabilidade e Novas Tribos**. In Rubim, A. Idade Mídia. Salvador: Ed. Eufba, 1995.